

Comunicação: controle e rebeldia

BRUNO PACHECO DE OLIVEIRA

OS TEMPOS

Os níveis de acesso e uso das tecnologias de informação ajudam a compreender o grau de autonomia que um indivíduo ou coletivo tem para obter informações, disseminar conteúdos, cumprir deveres e fazer valer seus direitos. Nas últimas décadas, principalmente devido ao uso de computadores e celulares, vimos mudar em grande número as formas de comunicação entre as pessoas. Temos hoje novas maneiras de estar no mundo que desafiam indivíduos, instituições, professores, alunos e pesquisadores.

A apropriação das ferramentas técnicas que servem a toda a humanidade é fundamental para promover uma interação positiva dos jovens, seja entre eles, seja em sua atuação nas várias esferas sociais locais, nacionais e globais. Hoje, a maneira como os jovens constituem sua identidade é cada dia mais fragmentada. Vemos o adolescente imerso em incertezas que são multiplicadas pela ampliação das perspectivas e de ofertas simbólicas em que suas escolhas podem ser situadas. Isso torna a adolescência não só uma condição biológica mas uma definição cultural. Os ambientes educacionais, de relação pessoal, lazer ou consumo, mediados pelos meios de comunicação, criam uma pluralidade de relações e uma abundância de possibilidades. Com isso, as identidades estabelecidas ficam cada dia mais incertas e confusas, incapazes de dar conta de construir uma biografia uniforme ou linear. Por isso, os jovens reativam a todo o momento a memória dos limites e da liberdade, desafiando a noção dominante do tempo como construção cronológica, contínua e regulada, mostrando o poder social que o tempo exerce sobre os indivíduos.

Nas últimas décadas, os movimentos de juventude foram determinantes em diferentes ondas de mobilização ao apresentar códigos simbólicos que subvertem a lógica do pensamento dominante. Está aí

a importância de entender o que está passando com a juventude indígena, quilombola, ribeirinha... e como ela pode revelar formas sociais importantes para o futuro, onde novos modelos culturais, formas de relacionamento e pontos de vista são postos em prática. Os jovens exigem o direito de definirem a si mesmos, contra critérios de identificação impostos de fora. Querem tomar controle sobre suas próprias ações, tendo como desafio a inversão dos códigos culturais.

O ponto central desta observação é destacar a importância de criarmos canais de diálogo e participação para os movimentos de juventude. Uma nova democracia só será efetiva se conseguir incorporar essas vozes. Os jovens são atores fundamentais para a inovação política e social, não somente como críticos, mas também como construtores de novos modelos. Diversos movimentos quebraram a barreira da invisibilidade utilizando blogs e redes sociais. No Brasil, campanhas contra a Hidrelétrica de Belo Monte (PA), a demolição do antigo Museu do Índio (RJ), ou em apoio ao povo indígena Guarani-Kaiowá (MS) também mobilizaram milhões de jovens, por intermédio das redes sociais (como o Facebook) e tiveram grande repercussão.

É importante destacar que as grandes corporações continuam dominando os maiores fluxos de tráfego pela internet. Porém, a cada dia, a produção vai sendo mais pulverizada. Com isso, indivíduos e pequenas organizações conquistam espaço e fazem valer suas ideias através de um modelo de comunicação menos centralizador e restritivo.

Como é possível acompanhar as mudanças, produzindo e distribuindo conhecimento de forma acessível e inovadora? A marca do novo modelo aqui explorado é justamente sua horizontalidade. Então, ao invés de estabelecer a comunicação de forma hierarquizada, os novos agentes são diversificados e dirigem-se a públicos específicos, instituindo uma comunicação em rede. Com pouca interferência dos grandes agentes, este novo formato está mudando o cenário da comunicação mundial.

Todos vivemos diariamente novas experiências audiovisuais decorrentes das **novas tecnologias** e práticas sociais que exigem um constante aprendizado. Hoje, por mais que você não queira ter um e-mail, participar de uma rede social ou ter um telefone celular com internet, você está cercado pelas tecnologias digitais que permeiam boa parte da sua vida. Trazer as novas tecnologias de comunicação para o dia a dia dos jovens é fornecer a eles ferramentas técnicas que

"Com o computador estamos não em frente a uma máquina com a qual se produzem objetos, mas, sim, diante de um novo tipo de técnica, que possibilita o processamento de informações e cuja matéria-prima são abstrações e símbolos."
(MARTÍN - BARBERO 1997:57).

servem a toda a humanidade e são fundamentais nas dinâmicas da sociedade atual. Economizar recursos de pessoas, instituições e países é um desafio da sociedade para construir um futuro mais racional, com menos consumo, resíduos e destruição do meio ambiente. As novas tecnologias são fundamentais nesse cenário.

Não pretendemos convencer ninguém a adotar tais recursos, e sim ajudar quem tem vontade de realizar determinadas tarefas ou trabalhos a executá-los com mais eficiência e autonomia. Nada do que é apresentado aqui requer aparato tecnológico complicado. Pelo contrário, buscamos soluções simples e de baixo custo, acessíveis nos equipamentos usualmente encontrados. Nos dias de hoje, muitos de nós somos usuários efetivos ou potenciais de internet, mas a distribuição de poder entre nós acompanha o mesmo padrão desigual da maior parte das sociedades humanas. Estamos nos aproximando então do que é o objetivo deste trabalho: ajudar o leitor a conhecer, estudar, refletir, divulgar e trocar experiências com mais facilidade e menor dependência de agentes privados ou públicos, e com menores custos.

Essa nova esfera de ação dos movimentos contemporâneos e seus conflitos é uma produção da sociedade capitalista pós-industrial, onde o desenvolvimento não pode mais ser assegurado pelo simples controle da força de trabalho, fundado na conversão dos recursos naturais em mercadoria. Hoje, passou a existir a necessidade crescente de interação das relações sociais e dos sistemas simbólicos com a mediação de gigantescos sistemas informacionais. Neste quadro em que os conflitos saem da esfera econômico-industrial e entram na vida cotidiana através de padrões culturais que afetam a identidade e a ação individual, passamos a uma nova lógica.

Alô professor! Neste tópico, nosso maior desafio é pensar como esse novo universo tecnológico comunicativo pode influir na criação de novas narrativas, visibilizando situações, cenas, processos que apresentem novas histórias, novos contextos e novos sujeitos com capacidade para contribuir para a compreensão da diversidade e da complexidade da Amazônia e do Brasil.

DIREITO DE NARRAR

Narrativa tem a ver com lei, legalidade, legitimidade e autoridade. Assim chegamos ao processo de narrativa sobre os povos indígenas, quilombolas, ribeirinhos e outras comunidades locais. No artigo intitulado *Permission to Narrate* [Permissão para Narrar], o filósofo Edward Said argumenta que fatos não falam por si só, precisam de uma narrativa socialmente aceitável para serem absorvidos, sustentados.

A narrativa oficial e as narrativas que se contrapõem a ela têm um começo e um fim. Isso quer dizer que, ao longo do tempo, a explicação não é sempre a mesma, as formas de exploração mudam com o tempo e também suas narrativas. Vimos nos capítulos anteriores que desde os primeiros viajantes até a implantação da Fundação Nacional do Índio (Funai), as narrativas sobre os indígenas mudaram muito, resultado dos processos de mudança social e política.

Foi somente a partir da Constituição de 1988 que os indígenas tiveram legalmente reconhecido o direito a constituir suas representações e suas organizações para falar por eles próprios e participar na construção de toda e qualquer política que lhes diga respeito. Em quase todos esses processos a articulação em rede e o acesso a novos mecanismos de comunicação e cooperação tiveram uma importância fundamental.

CULTURA E REPRESENTAÇÃO

Apesar de sabermos que não existe cultura que não seja um conglomerado de acréscimos diversos, somos treinados para suprimir os sinais de multiculturalismo, tomando-os como aspectos não essenciais decorrentes da modernização. Muito do que os membros de um determinado grupo consideram como dados naturais é apenas um reflexo de seus pressupostos. Assim, a “realidade” de cada pessoa é composta de construções culturais de mútuo conhecimento incrustadas nas representações coletivas (linguagem, símbolos, rituais e instituições).

Falar em comunicação local autêntica quer dizer que ela deve ser norteada pelos interesses dos povos e das coletividades envolvidas. A partir disso, pessoas ou instituições que compartilham da mesma visão podem contribuir. Nesta perspectiva, o protagonismo precisa ser do local. Quando falar? O que falar? Estas são questões centrais no

Edward Said é intelectual palestino, crítico literário e ativista. Sua obra mais importante é *Orientalismo* (1978). Traduzida em 36 línguas, é considerada um dos textos fundadores dos estudos pós-coloniais.

A Constituição Federal de 1988 concedeu uma série de direitos diferenciados para adequar as leis brasileiras à legislação internacional que trata de populações originárias e grupos étnicos diferenciados. Os artigos 231 e 232 da Constituição Federal garantem aos indígenas e quilombolas o direito a viver conforme seus usos, ritos e tradições e estipula que é dever do Estado brasileiro prover as condições mínimas para essa sobrevivência física e cultural.

[www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm]

jogo de disputa por legitimidade e representação. O longo processo de expropriação das terras indígenas, os genocídios, escravizações, diásporas, perduram com as barreiras montadas, ainda hoje, para evitar que alguns tenham acesso a recursos disponíveis ao restante da sociedade. Esses são exemplos clássicos da chamada atitude colonial.

Para reverter esse processo é preciso reinventar a emancipação social através de novas teorias críticas. Precisamos entender as raízes reais do silêncio e do apagamento das diferenças para propormos formas diferentes de organização social. **Como é ser, ou apresentar-se, como diferente?** A identidade étnica é uma diferença consolidada e compreendida, mas reflete uma expectativa perversa que também imobiliza a expressão. A necessidade de ser diferente algumas vezes induz indígenas e quilombolas à aceitação de uma identidade indígena genérica ou estereotipada, criada no século XIX para desqualificar o indígena real, tomar suas terras e acabar com seu modo de vida. Esta é uma armadilha que precisamos evitar.

O Brasil tem uma diversidade cultural espetacular e, por isso, o rompimento do silêncio e a recusa de identidades genéricas de indígena ou quilombola nos levam a uma segunda questão: entender que não existe UMA voz originária ou local e sim VÁRIAS. Consequentemente, a expressão e a demanda não podem ser UMA, também têm que ser VÁRIAS. A meta é criar uma polifonia. Ao mesmo tempo, é importante procurar uma consonância entre as diferentes vozes para organizar os movimentos. Na história destes movimentos, essa consonância foi consolidada na luta pela terra e por certos princípios, como o respeito ao meio ambiente.

O progresso e o consumo como conceitos de vida são vendidos a toda população mundial. Esse movimento cria estruturas potentes que controlam a vida e o planeta segundo a lógica do lucro, do dinheiro e dos bens. O modelo de Estado que temos hoje foi criado pelo colonizador sem entender o modo de vida e a ideologia dos povos que habitavam as terras que vieram a ser o Brasil. As teorias mais modernas sobre políticas de Estado e democracia mostram que os indígenas estão historicamente corretos em relação a diversas questões sobre as quais nunca foram ouvidos.

Há trinta anos, o meio ambiente era um assunto completamente à margem dos debates importantes. Quando os povos indígenas diziam que era preciso conservar as matas, eram motivo de chacota perante a

sociedade envolvente, e eram taxados de preguiçosos. Hoje, a questão ambiental tem prioridade nas agendas dos principais presidentes do mundo e é destaque nos cadernos de economia dos grandes jornais. O pensamento crítico aproxima cada vez mais o pensamento moderno do pensamento local.

Porém, para romper o silêncio diante da diferença que desqualifica o indígena e os integrantes de povos e comunidades tradicionais de maneira geral, é necessário trabalhar em rede nos níveis local, nacional e global e em associação com todos aqueles que compartilham as mesmas ideias, ou estão próximos delas. Com o avanço da comunicação, as questões globais invadem as realidades nacionais e locais através da internet, da televisão e do rádio. A criatividade e a experiência local podem trazer incontáveis soluções para o mundo moderno desde que o debate seja aberto, franco e legítimo.

LOCAL GLOBAL

A nova realidade mundial aponta novos modelos de governança focados na participação cidadã, através de redes de organizações locais, nacionais e globais que atuam de forma articulada e engajada pela defesa da democracia e da diversidade. Porém, para que esses movimentos promovam mudanças efetivas, é preciso ter consciência de que a disputa está aberta e que os setores conservadores usam de todos os recursos disponíveis para manipular, esconder e cegar a visão da maioria, visando manter as estruturas corruptas, viciadas e excludentes que hoje vigoram. Nesse enfrentamento, a comunicação é uma arma muito importante já que serve à dominação mas também à resistência.

Um grupo simbolicamente tachado de excluído sofre efeitos reais de exclusão no cotidiano dos indivíduos. Certamente o simbólico se materializa com implicações concretas principalmente nos aspectos materiais, da dominação e do colonialismo. A identidade étnica, antes de tudo, tem que valer no interior do grupo. Se essa identidade será expressa para fora do grupo, vai depender de uma vontade individual ou coletiva. E isso vai acontecer de acordo com os contextos políticos, culturais, econômicos e sociais com que cada grupo ou indivíduo se defronta.

Hoje, a questão central para avaliar a importância do debate acerca das identidades é a sua contribuição para a política de reconhecimento da diferença fora do padrão antes estabelecido por categorias biológicas ou construções de oposições binárias. Os novos movimentos sociais historicizam as diferenças e mostram os processos em curso, seja de marginalização ou de universalização do oprimido. A crise das identidades tem relação direta com a crise das instituições de pertencimento onde essas identidades estavam posicionadas. Processos históricos que sustentavam certas identidades estão em colapso e as identidades nacionais (de classe, partido, pessoais, sexuais, familiares) enfrentam crises ligadas aos processos de aceleração do tempo nos eventos sociais. O tempo agora é outro, e será a cada dia mais rápido. O tempo não é mais o necessário para mover uma coisa, mas o tempo de transmitir uma ideia. Ampliou-se a sensação de que tudo ficou mais rápido porque as decisões e as ações são motivadas por valores simbólicos. Assim, vem reinando a identidade hegemônica de consumidor consciente e cidadão patriótico. Do lado oposto, a resistência está organizada nos chamados movimentos sociais que trazem a identidade como capital (simbólico e organizativo) de luta de contestação política.

A afirmação da diferença é base da cultura porque as coisas ganham sentido por diferentes posições de classificação. Essa qualificação é a forma como o homem organiza a vida social (expressão, hábitos, práticas e rituais). Porém, a diferença cria oposições binárias que podem ser restritivas quando fecham o diálogo. A forma restritiva é a mais comum, onde o pensamento é muito centrado nos ideais de manutenção de uma vantagem conquistada em um tempo passado. A forma afirmativa apresenta a novidade em termos políticos. Ela pode ser celebrada como forma de diversidade, heterogeneidade, sincretismo, hibridismo.. Negros, mulheres, índios, quilombolas, ribeirinhos, LGBTs travam uma luta política para tentar demarcar seus espaços.

Para entender a importância do trabalho em rede na sociedade atual é indispensável refletir sobre a nova dinâmica produtiva que convoca cada vez mais os sujeitos às ações colaborativas e torna a engenharia de gestão de fluxos de informação cada dia mais importante. Resumindo, as redes de comunicação colocam em contato atores sociais até então isolados e criam novas possibilidades de cooperação porque as trocas não necessitam de um centro físico para ocorrer.

Na organização local, formal ou informal, na rede de juventude, no diálogo constante com o Estado ou nos fóruns internacionais, a comunicação em rede gera associações poderosas que atuam fortalecendo posições e interesses que se retroalimentam em um fluxo constante entre o local, o nacional e o global. A circulação da informação possibilita maior voz aos sujeitos e menor dependência de terceiros. O sociólogo espanhol Manuel Castells faz importantes observações ao analisar mobilizações em rede e ondas de protestos.

Há uma conexão fundamental, mais profunda, entre a internet e os movimentos sociais em rede: eles comungam de uma cultura específica, a cultura da autonomia, a matriz cultural básica das sociedades contemporâneas. Os movimentos sociais, embora surjam do sofrimento das pessoas, são distintos dos movimentos de protesto. Eles são essencialmente movimentos culturais, que conectam as demandas de hoje e os projetos de amanhã. (CASTELLS, 2013: 171).

Assim, as redes sociais digitais são decisivas para mobilizar, deliberar e coordenar movimentos sociais e, mais que isso, permitem que movimentos sem liderança atuem e cresçam contrapondo-se à ordem estabelecida, apesar de todas as formas de dominação institucionalizada.

O essencial é saber que hoje estamos no meio de um processo. A comunicação é, nos dias atuais, muito diferente daquela de 10 anos atrás, e daqui a mais 10 anos será outra. Nesse quadro onde tudo parece caducar rapidamente, alguns conceitos antigos seguem como referência. Os estudos da luz feitos pelos pintores clássicos foram apropriados pela fotografia e estão hoje no cinema, vídeos e fotos digitais. No jornalismo, está mudando a forma como o profissional tem acesso às informações e sua capacidade de difundir o produto de seu trabalho, mas buscar a verdade, investigar e mostrar os diversos pontos de vista sobre os fatos seguem como eixos fundamentais.

A mudança acontece hoje em cada sala de aula, repartição pública, ambiente artístico, de lazer, esporte, organizações indígenas, grupos de mulheres, jovens. Todos estamos inseridos e temos o dever de refletir e contribuir para evitar que o conhecimento e a informação sejam

concentrados ou monopolizados. Tudo o que pensamos e criamos está relacionado às informações às quais estamos expostos. Diversificar e popularizar a produção e a distribuição do conhecimento são os caminhos para apresentar ao mundo novos modelos econômicos e culturais, construindo uma base filosófica para a transformação prática que pode indicar novos rumos para a humanidade.

Observando o ciclo perverso de criação das identificações na pós-modernidade, cada vez menos territorializadas ou historicizadas, a cada dia mais próximas de rótulos de consumo de uma sociedade de massa, é possível entender que a produção de significados e identidades atua lado a lado como alicerces de uma sociedade de massa que está organizada pelos processos de consumo. A produção de significados tem conexão com o posicionamento dos sujeitos e é preciso ter essa compreensão para entender como a dominação e a desigualdade são legitimadas.

A identidade local consegue alinhar de forma diferenciada o “eu” e o “espaço”, transcendendo qualquer comparação com movimentos seja de globalização ou de transformação das velhas estruturas nacionais que estão ruindo com a transnacionalização da vida econômica e cultural. O “pensar” e “agir” localmente, sem fechar-se ao mundo, apoiado à vida na história das relações sociais e no conhecimento acumulado sobre o ambiente em que vivem, apresenta uma forma de viver com melhores possibilidades para os indivíduos.

Hoje, frente aos irrefreáveis fluxos da globalização, outros fluxos abrem caminhos para o fortalecimento de identificações de resistência ao movimento do capitalismo global. Pelos mais variados motivos, populações resistem alinhadas aos vínculos simbólicos das identidades locais. É um contraponto às identidades fluidas porque sua capacidade de prover sentido à vida é exponencialmente maior.

FICA UM ALERTA

Em quase todas as revoluções da história da humanidade, o caráter democrático, libertador e descentralizador que norteava a mudança foi suprimido ao longo do processo pela consolidação de monopólios e pela centralização de poder. A supervalorização da lógica do lucro é certamente a grande ameaça na construção de um novo modelo de comunicação. O controle da internet já é real em alguns espaços. O monopólio exercido hoje por empresas como AT&T, Apple, Google e Facebook pode se transformar em uma grande ameaça à liberdade criativa e ao interesse público.

A lógica do capital é a história do ocidente e a universalização da narrativa é a mais poderosa arma do projeto imperialista. Assim, valorizar as narrativas locais é o melhor caminho para criar oposição à lógica consumista que cria expectativas que não podem ser contempladas, necessidades que não são compatíveis com a capacidade do planeta de prover esses recursos para a maior parte da população e vidas sem rumo, sujeitos deslocados e desajuste social. Por isso, o modo de vida local (populações indígenas, quilombolas, ribeirinhos e outros) tem muito a contribuir não somente para a melhoria de vida de suas comunidades, mas também para uma forma de viver diferenciada que pode ser ponta de lança para uma verdadeira revolução na forma de agir e pensar de todos os habitantes do planeta.

BIBLIOGRAFIA

- BARTH, Fredrik. *O guru, o iniciador e outras variações antropológicas*. Bauru: EDUSC, 2000.
- BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Lisboa/Rio de Janeiro: Difel/Bertrand, 1989.
- _____. *A distinção*. Crítica social do julgamento. São Paulo: Edusp, 2007.
- CANCLINI, Néstor Garcia. *Culturas híbridas*. Estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: Edusp, 2013.
- CASTELLS, Manuel. *Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- ELIAS, Norbert. “Les pêcheurs dans le Maelström”. In: *Engagement et distanciation*. Paris: Fayard, 1993, p. 69-174.
- ENNE, Ana Lucia. Juventude como espírito do tempo, faixa etária e estilo de vida: processos constitutivos de uma categoria-chave da modernidade. *Comunicação, mídia e consumo*. São Paulo, 2010, v. 7, n. 20, p. 13-35.
- FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara Kooogan, 1989.
- HABERMAS, Junger. *Teoria de la acción comunicativa - Racionalidad de la acción y racionalización social*. Madri: Taurus, 1981/1987.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. _____. *Da diáspora*. Identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2011.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Visão do paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- LIMA, Antonio Carlos de Souza. *Um grande cerco de paz*. Poder tutelar, indianidade e formação do Estado no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1995.
- LUCIANO, Gersem dos Santos. *O Índio Brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje*. Rio de Janeiro: Laced, 2006.
- MARTIN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1997.
- MELUCCI, Alberto. “Juventude, tempo e movimentos sociais”. *Revista Brasileira de Educação*, n. 5-6, p. 5-14, maio-dez. 1997.

- OLIVEIRA, João Pacheco de. *Índios: os primeiros brasileiros*. São Paulo: SESC-SP, 2008.
- SAID, Edward. Permission to Narrate. *Journal of Palestine Studies*, Vol. 13, No. 3 pp. 27-48: University of California: [www.jstor.org/stable/2536688]. Em 18/011/2015.
- SANTOS, Boaventura Sousa. *Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2007.
- SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Record, 2010.
- SPIVAK, Gayatri C. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2010.
- THOMPSON, Edward P. *A formação da classe operária inglesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.
- WHITE, Hayden. “Teoria literária e escrita da história”. *Estudos históricos*, v. 7, n. 13, p. 21-48, 1994.
- JRUNA, Samantha Ro’otsitsina de Carvalho; VIEIRA, A. F. J. Rede de juventude indígena (REJUIND): novos instrumentos de defesa dos direitos dos povos indígenas. Comunicação apresentado no *II Encontro Nacional de Estudantes Indígenas*, de 4 a 7 de agosto, Campo Grande, 2014.